



Entrevista de Julian Assange com integrantes do movimento Occupy

[OFF] Eu sou Julian Assange. Editor do Wikileaks. Nós expusemos os segredos do mundo. *Esses documentos pertencem ao governo americano.* Fomos atacados pelos poderosos. *Os Estados Unidos condenam fortemente... Ei, pare de fazer perguntas! Ele infringiu a lei. Atirem ilegalmente no filho da...* Há 500 dias eu estou detido sem acusação, mas isso não nos deteve. Hoje estamos em busca de ideias revolucionárias que possam mudar o mundo amanhã.

LETREIRO: Londres tomada, 2012.

JULIAN ASSANGE: Bem-vindos a uma edição especial de nosso programa. Normalmente esses diálogos acontecem no lugar onde vivo sob prisão domiciliar, mas hoje pela quantidade de gente envolvida no movimento *Occupy*, decidimos fazer o programa aqui no velho Deutsche Bank de Londres que é controlado por amigos do *Occupy*. Nós temos aqui Marisa Holmes, do *Occupy* Nova York, Alexa O'Brien, do *Occupy* Nova York e do Dia da Ira dos Estados Unidos, Aaron Peters, do *Occupy* Londres, Naomi Colvin, do *Occupy* Londres e David Graeber, do *Occupy* Nova York.

01.12 JULIAN ASSANGE: Eu quero dividir o programa em duas partes. Na primeira parte, quero entender como o movimento *Occupy* se formou, que tipo de pessoas estão envolvidas, qual a base política de organização para conduzir os temas relacionados a ele e difundir o movimento. E depois, saber para onde o movimento está se dirigindo.

01.35 JULIAN ASSANGE: David, de onde você acha que veio esse movimento que resultou na ocupação do Zuccotti Park e depois se estendeu pelo resto dos Estados Unidos?

01.46 DAVID GRAEBER: Bom, acho que houve um tipo de movimento global, o qual, acho, começou na Tunísia e parece ter se estendido pelo Mediterrâneo: Grécia, Espanha... Na verdade, é o mesmo movimento que estremeceu os Estados Unidos. E muita gente da Grécia e da Espanha que esteve envolvida nos primeiros dias e mesmo antes da ocupação de Zuccotti Park fizeram parte da organização. Por isso, acho que há um tipo de agitação global.

02.06 JULIAN ASSANGE: Alexa, você esteve envolvida no Dia da Ira dos Estados Unidos em maio de 2010. Você vê esse momento como de transição do *cyberespaço* para o "espaço de encontros" ou já havia algo análogo anteriormente?

02.25 ALEXA O'BRIEN: Bom, eu acho que é, definitivamente, se você olhar para a opBART e outras pequenas atividades de grupos de ativistas. As mídias sociais e a



transformação na organização das mídias também desempenharam seu papel no ano passado no *Occupy Wall Street*.

02.44 JULIAN ASSANGE: É evidente que havia uma inspiração vinda da Primavera Árabe...

02.51 AARON PETERS: Bom, se fala muito pouco disso. Em 2008, o Egito foi considerado o país número 1 em termos de reformas no mundo em desenvolvimento pelo Banco Mundial. E em termos de reformas liberais, o Egito foi inigualável no norte da África e no Oriente Médio do ponto de vista do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. O maior fenômeno que está acontecendo aqui é que... Depois da Segunda Guerra Mundial, o Estado-nação é muitas vezes visto como uma espécie de reservatório de responsabilidade democrática. Desde o final dos anos 70, foi desaparecendo. E em alguns lugares nunca chegou a existir, né? Mas agora é um fenômeno global. Agora reconhecemos que os resultados das políticas públicas não estão acontecendo em nível nacional e que os criadores dessas políticas não são realmente aqueles que estão nos parlamentos nacionais, estão em outro lugar, e aqueles que ditam a política não são responsáveis de nenhuma forma, ou não são representantes democráticos. Isso é um fenômeno global. Acontece na Índia, na China, nos Estados Unidos e no Reino Unido.

ALEXA O'BRIEN: Nós não só temos uma crise financeira global, mas temos uma crise política global porque nossas instituições não funcionam mais.

03:48 AARON PETERS Sim, exatamente.

03.48 DAVID GRAEBER: E isso é uma das questões do movimento global por justiça: essas instituições administrativas criadas recentemente... Os mecanismos políticos globais...

03:57 JULIAN ASSANGE: Como a OMC.

03:59 DAVID GRAEBER: Como a OMC, como o FMI... As pessoas, pelo menos em lugares como os Estados Unidos, nem devem saber que essas organizações existem, mas na verdade elas estão governando o mundo. Quero dizer que é a primeira burocracia mundial realmente eficaz, criada em nome de um certo tipo de ideologia de mercado livre que se supõe estar contra a burocracia, mas na verdade é totalmente o oposto. Portanto, as revoltas sempre são em nome da democracia porque é algo que obviamente faz falta. A crise financeira simplesmente trouxe isso para casa, especialmente no que diz respeito à dívida; ficou muito claro que as dívidas dos grandes jogadores podem ser renegociadas por meio desses mecanismos globais, mas as suas não podem, porque seus políticos estão comprometidos com eles e não com você.



04.35 JULIAN ASSANGE: Bom, agora quero ir diretamente a uma questão prática, porque esse tipo de temas amplos ocorrem por trás do movimento. Se retomarmos alguns dos elementos-chave do *Occupy* Nova York... Em nossa pesquisa nós vemos, por exemplo: “consequimos os 99%”, mas na verdade a frase era “somos os 99%”, não estava exatamente certo... E então houve um pouco desse processo de tatear para achar meios de apresentação que eventualmente se fundiram em alguma coisa.

05.10 DAVID GRAEBER: É um exemplo perfeito de processo coletivo. Acho que eu disse algo assim: “Por que não fazemos algo dos 99%?”, e alguém mais, acho que uns espanhóis, disseram: “Nós somos os 99%”. Depois acho que Chris fez um *tumblr* que dizia “somos”. Foi assim que diferentes pessoas contribuíram com cada palavra, mas tudo se juntou muito bem.

05.30 JULIAN ASSANGE: Naomi, você conhecia esse tipo de processo interativo? Algo foi erguido, e não nasceu de uma explosão de inspiração no cérebro de uma só pessoa, mas parece que foi algo que na verdade envolvia todos esses processos...

05.43 NAOMI COLVIN: Acho que você tem razão. Existem diferentes fluxos que podem ser identificados e que se unem no *Occupy*, e o *Occupy* é quase um momento de estímulo, quando as pessoas estão fazendo, na verdade, coisas bastante diferentes, e entendem que podem cooperar e criar algo realmente extraordinário. Se você olhar especialmente para o *Occupy* Londres, naturalmente, o gatilho é o exemplo do *Occupy Wall Street*, a ideia de que essa coisa extraordinária poderia ter acontecido do outro lado do Atlântico, o lado onde você nunca esperaria que isso fosse possível, e por isso algo deveria ser feito por Londres. Também temos o apoio do que aconteceu no resto da Europa durante o último ano. O que acontece em Londres seria impossível sem o exemplo do que acontece na Espanha. Realmente é um momento em que tudo se junta.

JULIAN ASSANGE: Até que ponto o movimento dos Indignados na Espanha alimentou, no que se refere ao apoio logístico e a quantidade de gente nas ruas, o *Occupy* Nova York?

06.39 MARISA HOLMES: Bom, muitos membros dos Indignados estavam em Nova York por outras razões, o que culminou no dia 17 de setembro quando eles chegaram ao início das reuniões gerais e nos deram a base e o contexto para o que estamos fazendo. Então, aprendemos muito com eles.

06.54 DAVID GRAEBER: Havia até egípcios ali. Recebemos e-mails do Egito dizendo: “Vou para Nova York especialmente para essa ação em particular”. Então, acho que em termos do processo de aprendizagem interativa, posso dizer que pelo menos para mim, vendo a discussão que estava acontecendo na Europa sobre



como avaliar informação para as ocupações, definitivamente afetou de uma maneira direta aquele movimento particular.

07.17 JULIAN ASSANGE: Naomi, no *Occupy* de Londres havia uma placa dizendo “Praça Tahrir” na frente da igreja de São Paulo.

07.26 NAOMI COLVIN: Foi uma das placas mais fotografadas. Não tenho nem ideia de quem a colocou lá. Eu diria que havia gente ali que se identificou muito com a Primavera Árabe. Mas em termos de quantidade de pessoas nas ruas, foi o movimento europeu que apoiou muito mais o de Londres, porque é onde estamos.

07:48 JULIAN ASSANGE: Estou interessado nisso porque estou interessado na questão particular da filosofia da técnica e do domínio da técnica. Independentemente do que tentemos e façamos politicamente em uma direção ou outra, temos que fazê-lo de modo eficiente se queremos ganhar. E para fazê-lo de forma eficiente, temos que adotar técnicas eficientes. E então, qualquer um, não importa que caminho siga, começará a adotar técnicas eficientes, afinal são as técnicas que ganham. David?

08.15 DAVID GRAEBER: Acho que algumas dessas técnicas não são só os meios de comunicação social, mas tem havido uma tradição, pelo menos desde os anos 70, de criar novas formas de democracia direta, de um consenso de facilitação, de descentralização, de tomar decisões. Isso é muito útil e de certa forma há uma espécie de síntese que se definiu independentemente dos meios de comunicação. É um tipo de sinergia. Então por um lado você difunde a informação em certos tipos de mídia social, mas ao mesmo tempo existem essas novas formas de democracia profundamente personalizadas... Foi a essa tradição que tivemos que recorrer. As pessoas sabiam como fazer a facilitação, a exemplo de instituições como o microfone humano, que tem se desenvolvido por anos e estão lá para serem aproveitadas. Foi crucial.

08.59 JULIAN ASSANGE: Essa cultura mitológica que claramente era muito conhecida entre os membros do *Occupy*, como no caso do microfone humano, é um pouco como um teatro de rua. Por outro lado, para ser útil... Uma assembleia geral, essas coisas de levantar as mãos, que para mim, quando vi pela primeira vez, pareceram terrivelmente afetadas e ineficazes. Mas eu posso ver que se há um monte de gente, e sua tarefa é escutar alguém, é uma boa saída. Aaron, você estudou como apareceram essas técnicas? Na verdade, houve alguma inovação em relação às técnicas?

09:38 AARON PETERS: Se voltarmos à noção da mimética, agora há um argumento que sempre existiu, sobre a forma como os humanos partilham identidades, como criam outras novas, como as interiorizam. Mas a questão em relação a esses novos tipos de formas de comunicação é que esse processo se acelera rapidamente. Acho



que há realmente uma relação, especialmente entre pessoas mais jovens, na prática online e off-line, em que elas não se interessam por líderes, não estão interessadas nos modelos de lucro. Estão interessadas na criação de valores que vão além do lucro e além da coerção para fazer algo. Então, é um tipo de ação coletiva voluntária.

10.17 JULIAN ASSANGE: As técnicas do *Occupy* Londres imitaram o exemplo do que as pessoas haviam feito em Nova York, no *Occupy* Nova York, ou são mais antigas?

10.24 NAOMI COLVIN: Acho que há uma tensão interessante entre a forma em que o consenso funciona online, quando se olha para como funciona a consciência coletiva. É um consenso, mas de uma forma muito menos estruturada. Há uma interessante tensão entre isso, que é a mentalidade que várias pessoas trouxeram para o *Occupy*, e uma de forma de consenso, por assim dizer, mais tradicional, um consenso estruturado nas decisões, funciona ao rés do chão. Mas é uma tensão que exploramos no *Occupy* Londres sem resolvê-la completamente.

10.55 JULIAN ASSANGE: Podemos explicar porque o *Occupy* não podia ter acontecido há dez anos atrás... Tivemos esses movimentos de protesto brotando em Seattle e Genoa, etc... E de repente tivemos o 11 de setembro, e foi o fim de tudo. Assim, podemos entender por que isso não havia ocorrido há dez anos. Mas por que não aconteceu há cinco anos atrás?

11.10 AARON PETERS: Acho que, bom, em primeiro lugar os movimentos sociais que estão aí nasceram da revolta e do sentimento de injustiça, e o que está acontecendo seria simplesmente impossível sem a crise econômica global. Realmente poderia ter sido o fim do capitalismo como conhecemos. Nós teríamos grandes problemas com a distribuição dos alimentos. O problema das sociedades complexas é que quando algo vai mal, vai muito mal.

11.32 JULIAN ASSANGE: Então você acha que isso não teria acontecido se não fosse pela crise econômica de 2008? Isso foi um gatilho?

11.38 AARON PETERS: Porque há cidades de lona preta nos Estados Unidos que não estão dentro do movimento *Occupy*. São pessoas sem-teto. E isso é tanto um sintoma político como uma força.

11.49 JULIAN ASSANGE: David, o movimento *Occupy* estava esquentando durante a primeira semana ou nos primeiros dez dias antes de começar a violência...

DAVID GRAEBER: Bom, sim.



JULIAN ASSANGE: Me refiro à violência policial, mas é violência de qualquer jeito. E a violência é um mecanismo de marketing bastante eficaz. Os filmes de Hollywood estão cheios de violência.

12.16 ALEXA O'BRIEN: Eu estive lá! Vivi em um parque na primeira semana e posso atestar que não estávamos nos exaltando. Protestamos todo dia, toda semana, ocupamos Wall Street, desde a chamada de abertura até o dia do encerramento, tivemos duas assembleias gerais por dia. Estávamos...

12.36 JULIAN ASSANGE: Mas, ainda assim, a mídia não estava lá e só passou a cobrir de verdade quando a violência começou.

12.40 ALEXA O'BRIEN: Eu acho que sim... Mas a nossa meta nunca foi...

12.44 JULIAN ASSANGE: Estou sugerindo que talvez deveria se basear na experiência desse evento. De que na verdade... De que provocar a violência policial é algo que deveria ser feito se você...

DAVID GRAEBER: Realmente não temos porque provocar nada, é algo que vai acontecer.

ALEXA O'BRIEN: Não provocamos a violência policial, tomamos diretamente a...

13.03 JULIAN ASSANGE: Certifiquem-se de que podem gravar a violência policial!

13.04 ALEXA O'BRIEN: Tomamos a direção da não-violência. Fomos e ocupamos uma praça para poder ter uma assembleia geral e começamos a falar sobre o mundo em que gostaríamos de viver, porque vimos o mundo em que vivemos como totalmente antiético, e sobre as estruturas que o governam. Então, acho que por estar lá e exercer de forma direta o processo democrático, representávamos uma ameaça e a polícia teve que responder.

13.30 DAVID GRAEBER: Não há nada que aterrorize tanto o governo dos Estados Unidos como a ameaça de um surto de democracia nos Estados Unidos. É certeza que reagiriam de forma violenta.

13.38 AARON PETERS: No dia em que ocupamos a Bolsa de Londres eu estava fora do principal quadrante da polícia e acho que contei umas 20 vans. E eu já vi isso muitas vezes... Ouvei os cachorros saírem, vi todas as equipes de inteligência, tinham suas câmeras. (???) Ok, e é agora que eles começam a bater em todo mundo à luz do dia, não tem mídia aqui e eles sabem que se não pararem com o movimento hoje, ele poderia ganhar força rapidamente.

14.02 JULIAN ASSANGE: Naomi, você era a coordenadora da campanha para Bradley Manning, e na verdade houve uma conexão muito interessante e incomum



entre as pessoas que estavam apoiando o Wikileaks ou Bradley Manning, o Anonymous e o movimento *Occupy*. Mas o caso de Bradley Manning se converteu em exemplo. Ele não foi simplesmente preso e depois tudo foi mantido em silêncio. Quer dizer, ele foi feito de exemplo para servir de desestímulo, porque as autoridades precisavam destacar exemplos do que aconteceria com as pessoas que supostamente desobedecessem às regras que as mantêm no poder. Essas cenas na televisão de manifestantes recebendo a reação da violência – numa posição fraca em relação à violência – você acha que isso também, a longo prazo, é um exemplo?

15.00 NAOMI COLVIN: Bem, existem algumas questões aí. Acho que a primeira é que o que estava acontecendo com Bradley em Quantico – ele estava sendo muito maltratado lá, o Relator Especial da ONU foi a público e finalmente disse... Em termos da cobertura midiática do conflito, acho que não há dúvida de que a cobertura do que aconteceu nos primeiros dias em Nova York, as imagens circularam pelo mundo, mas não eram imagens usadas pela grande mídia, mas pela mídia cidadã, pelo *livestream*... Eu acho que com certeza, em certo nível, a presença da mídia, o fato de que algo acontece e é visto pelo mundo inteiro, foi algo muito importante que aconteceu com o *Occupy* – a auto-documentação o tempo todo. É uma força inibidora importante.

15.45 MARISA HOLMES: Se não fosse pelo *livestream* e se não fosse nossa equipe de mídias sociais, não teríamos chegado aos principais meios de comunicação. Demos um impulso ao diálogo de uma maneira muito importante.

15.54 JULIAN ASSANGE: Alexa, me fale sobre os princípios legais e o *Occupy*. Era uma das... As exigências do Dia da Ira nos Estados Unidos parecem ser o Estado Direito, o devido processo legal...

16.03 ALEXA O'BRIEN: Claro. Acho que na base de qualquer tipo... No caso dos Estados Unidos, uma república democrática, ou ao menos é dito que é uma república democrática, existem diversas instituições. Existe a praça pública, a imprensa e as eleições. E quando essas coisas estão nas mãos das pessoas, é saudável porque elas podem checar umas às outras. Acho que em termos do Estado de Direito... Em relação à minha própria experiência, se “um cidadão, um dólar, um voto”, por assim dizer, é tão radical que me descrevem em uma revista de segurança dizendo que sou ligada à Al-Qaeda, que chegam mensagens privadas de empresas de segurança ligadas ao FBI dizendo “tome cuidado, você está conectada à Al-Qaeda”. Isso me diz imediatamente... É uma tática de intimidação, essencialmente.

17.00 JULIAN ASSANGE: David, o termo *Occupy* veio ao mundo como resultado da ocupação de Nova York, mas se espalhou pelos Estados Unidos. Você pode descrever um pouco essa expansão do *Occupy*?



17.13 DAVID GRAEBER: Foi muito rápido. Eu fiquei estupefato, assombrado. Porque você sonha com essas coisas acontecendo, mas nunca acha que elas realmente vão acontecer. Em três semanas tínhamos cerca de 800 ocupações e, com certeza, algumas delas eram apenas um cara com uma placa, mas muitas eram um monte de pessoas acampadas em lugares como Missoula, *Occupy Saskatchewan* no Canadá. Foi uma efusão notável e aconteceu muito, muito rápido.

17.49 JULIAN ASSANGE: Quero falar sobre o espaço. Por que afinal é importante ocupar um espaço?

JULIAN ASSANGE: Por que não ficar em casa? Você tem sua agenda, tem seus amigos, suas redes sociais. Por que não apenas coordenar nos bastidores? Não é um pouco de perda de tempo montar uma barraca e não poder fazer as coisas de um jeito mais eficiente?

18.11 NAOMI COLVIN: Bom, aí voltamos para a questão sobre por que o movimento online passou para o off-line. Acho que existe uma necessidade humana natural de se comunicar cara a cara e na verdade isso é muito mais profundo. Acho que trabalhando online você é uma espécie de... Se trata de coordenar indivíduos autônomos para fazer coisas, e você tem a sensação de que é parte de uma comunidade de pessoas que sentem o mesmo e que estão preocupadas com a mesma coisa, mas não é como estar... Estar em um espaço onde todos estão e querem falar uns com os outros. Porque é, na verdade, recriar o tipo de sociedade que as pessoas queriam que existisse.

18.46 ALEXA O'BRIEN: Eu também acho que é uma experiência para ver até onde o seu comprometimento com o espaço cívico pode chegar. Se o espaço cívico é a calçada entre o Chuck E. Cheese e o Wal-Mart, que realmente é muitas vezes o caso nos Estados Unidos, em muitas das cidades pequenas, há a necessidade de criar uma "publicização", que não é privada, que não está relacionada ao trabalho de uma pessoa... É o "nós" que se junta e faz acordos com a Carlisle para comprar a nossa água ect.

19.20 JULIAN ASSANGE: David, o espaço tem que ser questionado? Digo, todo mundo poderia ir para o parque Redwood na Califórnia ou coisa assim... E, de fato, o G8 se mudou para Camp David parece que para conseguir esse efeito.

19.41 DAVID GRAEBER: Acho que sim. Nos últimos 30 anos tem havido uma agressão sistemática à noção de comunidade e à ideia da "imaginação política". Essa é uma forma de reclamar ambas ao mesmo tempo. Então acho que a ideia de tomar algo de volta é extremamente importante.



19.57: JULIAN ASSANGE: É uma demonstração de soberania, no sentido literal, de determinada área? Controlamos fisicamente, por meio de nossas decisões políticas, esse espaço que vocês não controlam fisicamente...

DAVID GRAEBER: Claro, e isso é crítico nessa situação. É uma estratégia de poder em dobro. Nós estamos falando da força. Não estamos falando de legalidades – eles não estão falando de legalidades e nem nós estamos. Pode-se implantar a legalidade como uma arma (**È ISSO?**), mas o que estamos dizendo é “Esse é o nosso espaço. Nós somos o público. Esse é um espaço público. Nós iremos toma-lo”. E esse simples ato de desafio é bastante criativo. Tudo se deriva a partir daí e tudo o que fizemos vem do fato de termos começado sem aceitar os termos da ordem existente e com a vontade de imaginar uma nova ordem.

20.47 JULIAN ASSANGE: Naomi, na dominação desse espaço físico, ao criar seu próprio mini-país no *Occupy*... Esse é, creio eu, o termo correto para quando você controla fisicamente uma porção de terra, para quando se tem o monopólio da força coercitiva, se começa a erguer certas estruturas sobre como lidar uns com os outros e como coordenar com cada um e certas metodologias para lidar com a polícia, para lidar com oportunistas dentro do movimento *Occupy*, para lidar com pessoas loucas, para lidar com o lixo produzido. Essas metodologias que você inventou para as tomadas de decisões políticas e para lidar com as coisas de uma forma prática, você as vê como um plano para lidar com a sociedade em geral, ou essas metodologias são simplesmente ou principalmente, para lidar com um problema em particular, que no caso é como ocupar uma praça?

21.49 NAOMI COLVIN: Não acho que tenhamos o monopólio da força dentro do *Occupy*. E teria sido muito mais fácil se realmente tivéssemos feito isso, negociado o que se faz numa determinada situação... Qualquer transtorno poderia ter acontecido... Na verdade, você não tem o poder de coerção, você tem o poder de persuasão, de mostrar o que a maioria das pessoas pensa nesse espaço. Mas em último caso, não se tem essa coerção, e isso também é educação...

22.19 JULIAN ASSANGE: No caso de haver uma pessoa problemática lá, ou uma pessoa louca, que esteja arruinando tudo, o que vocês fariam? Como vocês se livram deles? Chama a polícia?

DAVID GRAEBER: Não fazemos isso...

22.38 MARISA HOLMES: Não. Na verdade, nós temos usado uma combinação de coisas. Reduzir a intensidade, mediar e fazer uma comunicação não violenta tem sido um jeito de abordar os conflitos internos no Park.

22.48 JULIAN ASSANGE: David, e se chegar a um ponto de expulsão, e eu fico lá e digo: “Suas regras não se aplicam a mim. Eu quero tocar o tambor quando eu



quiser. Eu quero falar quando eu quiser. Eu quero ficar pelado quando eu quiser”, vocês não precisam chamar alguns grandões para subirem em algum palco e dizerem “Olha, amigo, você está arruinando pra todo mundo, dá o fora”?

23.07 DAVID GRAEBER: Existem muitas maneiras de pressionar as pessoas.

JULIAN ASSANGE: Como por exemplo...?

23.16 MARISA HOLMES: Com os batuqueiros, por exemplo. Nós tivemos uma assembleia na qual falamos sobre o fato de tocar os tambores. Negociamos isso dentro do círculo da assembleia.

23.28 ALEXA O'BRIEN: Com certeza existem conflitos e tensões que são naturais aos seres humanos reunidos dentro do *Occupy*. Não é que o espaço que o *Occupy* cria de repente é como a Utopia, não é assim.

23.38 JULIAN ASSANGE: Aaron, afinal, não é preciso um mecanismo, um processo para implantar a força coercitiva?

23.43 AP: Bom, com certeza é uma pergunta que precisa de uma resposta, mas...

JULIAN ASSANGE: Nossa, vocês estão tão desconfortáveis com isso! É ótimo.

23.54 AARON PETERS: Não, não estou. Isso é uma espécie de questão existencial geral sobre a natureza humana.

JULIAN ASSANGE: Ou vocês deveriam colocá-los em psicoterapia por dez anos...

AARON PETERS: Não sou inclinado a isso, pessoalmente.

JULIAN ASSANGE: Bom, você os coloca na psicoterapia por dez anos, mas enquanto isso, você tem alguém no seu maldito acampamento causando problemas.

DAVID GRAEBER: Houve pessoas que foram banidas das reuniões e coisas assim, isso aconteceu, mas de certa maneira estamos tentando tratar com delicadeza de algumas questões nas quais nós talvez não queiramos falar muito. Ou que representam uma subversão intencional. Houve tentativas de despejar pessoas em nós. Em certo momento a polícia estava pegando presos recém-liberados e os colocando no acampamento e dizendo: “Ei, aqui tem comida de graça aqui”. A sociopatia aparece naturalmente se você tem pessoas acampadas. Houve uma tentativa de tentar nos subverter e nos dar a escolha entre ficarmos sobrecarregados ou meio que nos transformarmos em um modelo de bem-estar social onde nós tomamos conta dessas pessoas, que é outra coisa que começou a acontecer.



24.58 JULIAN ASSANGE: Como o *Occupy* Londres previne os aproveitadores sociais patológicos, que têm tanta coisa a falar, são bons em dizer algo para uma pessoa, outra para outra pessoa, espalhar boatos de maneira indecente, e de chegarem ao topo? Ou será que eles chegaram?

25.20 NAOMI COLVIN: Bom, acho que...

25.25 DAVID GRAEBER: Se existe um topo isso é muito fácil de acontecer, mas se é um movimento horizontal se torna bem difícil. Existe um limite no dano que um sociopata pode causar. É o que eu sempre digo sobre o anarquismo quando perguntam: “Mas e as pessoas que não estão nem aí pra ninguém e que são estúpidas e egoístas?”. Eu digo: “Pelo menos elas não vão estar no controle de exércitos”. Na verdade, uma pessoa assim pode causar muito dano se não há uma estrutura que possa controlar sua ascensão. Eu realmente concordo com William F. Buckley quando ele diz que prefere ser governado pelos 300 primeiros nomes na lista telefônica do que pelas pessoas que atualmente ocupam os cargos no Congresso. Eu concordo! Eles provavelmente fariam um trabalho melhor!

26.12 JULIAN ASSANGE: Mas o que quero dizer é que no fim... Ainda que nós nos governemos, temos que ser capazes de competir com aqueles que procuram nos governar de outra forma.

ALEXA O'BRIEN: Claro.

26.20 DAVID GRAEBER: É por isso que um movimento internacional é tão importante, e é isso que podemos ver. Existe a sensação de que o inimigo está se tornando cada vez mais globalizado e o único modo dele ser desafiado é por meio de movimentos globais. Então, nesse sentido, o fato dos Estados competirem uns com os outros está se tornando irrelevante.

JULIAN ASSANGE: Aaron?

26.38 AARON PETERS: Então, nós temos a maior transformação na economia política internacional em termos das coisas indo para o sul... Para o Sudeste Asiático. Isso só vai acabar de um jeito... É óbvio que o Ocidente acabou, mas é... Isso é evidente para todos, menos para os políticos do Ocidente.

AARON PETERS: É mais que evidente! É ridículo!

DAVID GRAEBER: Não está claro se realmente eles não sabem...

AARON PETERS: Bom, quando se começa a falar sobre os acontecimentos de 1989 e do fato do dinheiro não sair dos caixas eletrônicos, as pessoas riem de você. Você diz... Eu não sei... Está bem claro que a festa acabou.



DAVID GRAEBER: Só faz sentido o 1% tentar se apossar de toda a riqueza se existir menos riqueza, mas se você olhar para história, parece pouco provável que eles consigam isso.

TRADUÇÃO: Jessica Mota

Agência Pública – apublica.org